CINE PAZ

REDE DE BIBLIOTECAS DE LISBOA (BLX) – BIBLIOTECA DE ALCÂNTARA – JOSÉ DIAS COELHO

A ABRIR A PORTAS:

à criatividade – à imaginação – à informação – *ao conhecimento* — ao espanto – ao risco – à curiosidade – *à ciência*
À POESIA — à filosofia – à política – à alegria – À MEMÓRIA – *ao jogo* – ao sonho – ao cinema — à arte – ao teatro
à história – À UTOPIA — à música – *ao associativismo* – ao rasgo — ao debate – à dança – à esperança — ao futuro
ao mundo – À PAZ – ao inconformismo — à beleza – *à educação* – À COMUNIDADE – à resistência – à leitura

2

5 ANOS A CONSTRUIR PORTAS ABERTAS

Há cinco anos abrimos as portas...

... à criatividade, à imaginação, à informação, ao conhecimento, ao espanto, ao risco, à curiosidade, à ciência, à poesia, à filosofia, à política, à alegria, à memória, ao jogo, ao cinema, à arte, ao teatro, à história, à utopia, à música, ao associativismo, ao rasgo, ao debate, à dança, à esperança, ao mundo, ao futuro, ao inconformismo, à paz, à beleza, à educação, à comunidade, à resistência, à leitura...

Talvez as bibliotecas sejam como *a arquitetura, sobre como construir portas ou como construir o aberto; construir, não como ilhar e prender, (...) construir portas abertas*[1](...).

Há 5 anos que abrimos as portas a essa construção do aberto, feita a muitas mãos, muitos braços, muitos sonhos, feita de muitas memórias e de mil e uma histórias.

As bibliotecas são esses lugares onde habitam muitos séculos de história e se lançam alicerces de futuro. Lugares onde podemos aprender a construir portas, mesmo quando tudo parece emparedado e, sobretudo, por isso.

Em 2025 assinalámos os 50 anos do processo de descolonização, o nascimento de novos países, as primeiras eleições livres em Portugal, depois de 48 anos de ditadura, o primeiro ano em liberdade, os primeiros passos da Constituinte, os 80 anos do final da II Guerra Mundial, a criação da ONU (Organização das Nações Unidas).

Mas também abrimos as janelas, de par em par, para este mundo que hoje habitamos, onde as portas se fecham, uma a uma, aos mais vulneráveis. Um mundo onde alastram as guerras, as desigualdades, as injustiças, as arbitrariedades e onde a desinformação nos aliena, anestesia, desumaniza.

É neste mundo que urge *ser realista e exigir o impossível*[2] , que urge abrir as portas da paz, da transformação, da utopia, da 'Invenção do Amor'.[3]

Que urge espalhar a notícia e dizer 'P'rá frente coração! Que saiam à rua canções de esperança!'

↑ Equipa da Biblioteca de Alcântara - José Dias Coelho

1. João Cabral de Melo Neto - *Fábula de um arquiteto*
2. André Breton
3. A nossa homenagem ao poeta cabo-verdiano Daniel Filipe, nos 100 anos do seu nascimento.

A BIBLIOTECA DE ALCÂNTARA-JOSÉ DIAS COELHO EM NÚMEROS

de Julho de 2024 a Agosto de 2025

Atividades
1.097

Participantes
20.171

Empréstimos
20.014
55.476
Total de empréstimos

Leitores
480
2.714
Total de leitores

Total de documentos
21.026

Residências
16

Ficha técnica:
OUT 2024 – Design: Luís Gregório– Capa: Sofia Morais– Impressão: Desisto– Tiragem: 500 exemplare
– Edição: Câmara Municipal de Lisboa, Pelouro da Cultura, Direção Municipal de Cultura, Divisão da Rede de Bibliotecas
– Depósito legal: 505098/22

Alguns dos textos são escritos segundo o antigo Acordo Ortográfico, por opção expressa dos autores.

UMA CASA, UM ESPAÇO DE PARTILHA, UMA BIBLIOTECA!

A Biblioteca de Alcântara - José Dias Coelho é também uma casa para a cooperativa 4Change - um espaço de cocriação, de partilha e trabalho. Uma comunidade onde tanto fazemos uma reunião, construímos trabalho em comum, organizamos um quiz sobre literacia mediática ou animamos uma roda de histórias.

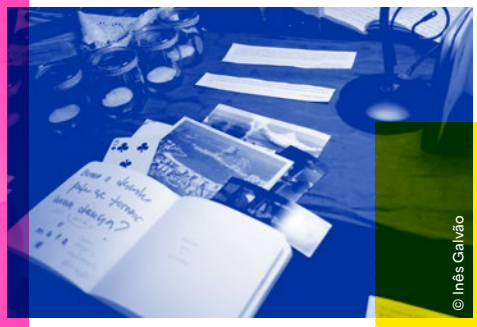
A 4Change é uma cooperativa social e cultural que imagina e provoca, desde 2005, a transição para uma sociedade equitativa, através do desenho de projetos participativos, produção de conhecimento e oportunidades de aprendizagem.

Biblioteca e cooperativa construíram durante o último ano a larga parceria que vai arrancar um maravilhoso projeto: Museu do Bairro_entre gerações é um projeto de cidadania ativa que assenta numa intervenção artística e intergeracional, onde grupos de seniores e jovens são convocados a olhar, expressar e mostrar à comunidade a sua perspetiva sobre o património material, natural e imaterial da zona ocidental de Lisboa.

Através da fotografia participativa, vamos desafiar a população da Ajuda e de Alcântara a (re)descobrir o território sem limites de cada 'bairro', criando imagens, textos e visionando futuros que promovem a valorização das comunidades, a intervenção cívica e a capacitação em literacia para os média. Através da interpretação do que é valioso para cada pessoa e para cada grupo - o património material, imaterial e natural de Alcântara e Ajuda, descendo ao rio, subindo a Monsanto. Muitas aventuras nos esperam na Biblioteca (e na de Belém!) nos próximos meses.

† Sandra Oliveira

© Inês Galvão



© Inês Galvão

© Inês Galvão

© João Barata

TUDO COMEÇA COM UMA PORTA ABERTA

Nestes 5 anos da Biblioteca de Alcântara - José Dias Coelho, celebramos também o encontro entre o livro e o corpo, entre a palavra escrita e a palavra dita. Entre o silêncio da leitura e a vibração da arte e da cultura.

A Biblioteca de Alcântara - José Dias Coelho é, para nós, mais do que uma parceira: é casa. Lugar onde a Pyra Teatro se instalou, criou raízes e encontrou um território fértil para imaginar, experimentar e partilhar. Criamos ideias em conjunto, cruzamos públicos e partilhamos saberes. Celebrar os 5 anos da Biblioteca de Alcântara - José Dias Coelho é também celebrar este vínculo de afeto, criação e resistência.

Entre livros e vozes, nasceram projetos como A Mancha, onde ativámos o espaço como criação artística e dramaturgia viva; como o Despertar, que regressa na sua segunda edição, cruzando gerações, memórias e comunidade; e como Artiverso, projeto-piloto que convida jovens a reimaginar a biblioteca como espaço de escuta, criação e cidadania cultural.

Estar na biblioteca é reafirmar que arte e cultura devem estar ao alcance de todas as pessoas. Que uma biblioteca pode ser palco, sala de ensaio, oficina, refúgio, ponto de encontro e de transformação.

Nos últimos anos, a Biblioteca de Alcântara - José Dias Coelho não só nos acolheu, como nos impulsionou. Que venham mais anos, mais projetos, mais inquietações, mais encontros, mais rasgos de futuro. Acreditamos, como a Biblioteca, que a cultura se faz com o tempo, com cuidado e com coragem. Que abrir portas é um gesto político. Que a arte e a educação são pilares fundamentais na construção de uma comunidade mais crítica, consciente e participativa. Que a biblioteca de Alcântara, esteja sempre pronta a abrir portas: para o mundo, para o outro e para o que ainda está por vir. O futuro, acreditamos, faz-se deste chão comum onde arte, biblioteca e território se entrelaçam. Seguimos juntos, abrindo mais portas.

† Ana Silva e Beatriz Silva
Pyra Teatro

4 UMA PORTA ABERTA PARA NUNCA PARAR DE APRENDER

A Universidade Alcântara Sénior (UAS) é uma medida social, desenvolvida pela Junta de Freguesia de Alcântara, promotora do envelhecimento saudável e bem-sucedido. Fundada em 2009, a UAS trata-se de uma iniciativa destinada a todos aqueles que com mais de 55 anos estejam interessados na aquisição e partilha de conhecimento e experiências. Em 2020, quando a Biblioteca de Alcântara - José Dias Coelho abriu as suas portas, foi-nos cedida a utilização de 3 salas. Assim, desde há 5 anos, que a UAS passou a funcionar, em simultâneo, na Junta de Freguesia e na Biblioteca de Alcântara - José Dias Coelho. Esta mudança permitiu dar a conhecer mais a Universidade à freguesia e a outros parceiros, abrindo novos caminhos e rede de contactos. Consideramos que foi uma mais-valia esta integração, essencialmente, porque contrariou a ideia de estarmos centrados e fechados num só espaço da freguesia e permitiu-nos alargar a nossa oferta curricular, aumentando o número de disciplinas. Integrada num lugar de saber, que foi outrora uma escola, reconhecemos, igualmente, que esse aspeto dignificou a nossa Universidade. Por outro lado, passámos a estar instalados num espaço bonito, de qualidade, com jardim, e num edificado que representa uma obra de requalificação urbana sublime. Este é também um espaço de memórias, enquanto antiga escola de vários dos nossos alunos, e, que, por isso, traz boas recordações. É, assim, um local em que se respira beleza, tranquilidade, luz e cultura. A par do funcionamento regular das aulas, vários têm sido os eventos culturais que a UAS tem realizado na Sala Multiusos e na Sala Aprendizagem, sempre em articulação com a simpática e competente equipa técnica da Biblioteca. Parabéns à Biblioteca pelos seus 5 anos de aniversário!

† Patrícia Cara d'Anjo
Coordenadora da Universidade Alcântara Sénior | Junta de Freguesia de Alcântara

© Pedro Peres

© João Barata

AS PESSOAS FAZEM A BIBLIOTECA

As Bibliotecas de Lisboa têm na cidadania e na inclusão dois dos seus valores nucleares, procurando promover o sentido crítico e a participação cívica, mas também a diversidade, a integração e o respeito pelo outro.

Pretendemos promover o desenvolvimento de atividades, serviços e atitudes assentes em princípios de cidadania, igualdade e inclusão.

O Serviço de Inclusão apresenta-se assim como um serviço orientado para a promoção do acesso de todas as pessoas à cultura, à informação e ao conhecimento, garantindo, desta forma, o alinhamento da Rede BLX com as mais recentes diretrizes nacionais e internacionais promotoras de inclusão.

Desde que foi inaugurada, a Biblioteca de Alcântara - José Dias Coelho desenvolve e acolhe projetos e atividades que juntam ideias e vontades, onde as palavras "coletivo" e "liberdade" têm muito significado.

Aqui promove-se o envelhecimento ativo, reforça-se o papel da mulher na sociedade, combate-se o racismo e a xenofobia, fala-se do poder da comunicação e de liberdade.

Arte, literatura e cidadania de mãos dadas!

† Isabel Monteiro
Serviço de Inclusão da Rede de Bibliotecas de Lisboa (BLX)

© João Barata

© Ana Gomes dos Santos

© Alípio Padilha

DEIXA ELA FALAR: VOZES QUE ECOAM

O Movimento SI.M.O.N.E., desde a sua conceção, propôs-se a erguer uma ponte entre o legado de Simone de Beauvoir e o feminismo atual. Em busca de um lugar para dar início ao nosso percurso, a Biblioteca de Alcântara - José Dias Coelho prontamente abriu suas portas para nos receber, com muita escuta e generosidade.

No dia 8 de março, Dia Internacional da Mulher, realizámos o evento "Deixa Ela Falar", uma roda de conversa dedicada a olhar para o passado através da influência atemporal de Simone de Beauvoir no pensamento feminista contemporâneo e analisar as tendências para desenharmos futuros com mais esperança. Foi uma tarde de partilha, em que saímos inspiradas por um encontro que fortaleceu o compromisso com a equidade de género e com a cultura como motor de transformação.

A Biblioteca de Alcântara - José Dias Coelho nos deixou - e nos incentivou - a falar. E nossas vozes, juntas, ainda estão a ecoar.

↑ **Stephany Lins e Luana Bistane**
Movimento S.I.M.O.N.E.

"VIEMOS ROUBAR OS VOSSOS MARIDOS" Quem se beneficia com a disputa entre mulheres?

O espetáculo de teatro-documentário com o nome desta coluna cruza os acontecimentos do fenómeno "Mães de Bragança" com histórias reais das atrizes. Vidas que convidam à reflexão sobre estereótipos, machismo, racismo, xenofobia e patriarcado. Quem ganha com as disputas entre mulheres?

Começámos os ensaios a novembro de 2024 e estreámos em abril de 2025. Ensaiar na Biblioteca de Alcântara - José Dias Coelho, em especial no ano em que foram comemorados os 50 anos da Liberdade Portuguesa e no ano em que são comemorados os 50 de libertação dos países que foram colonizados, foi conviver com uma série de referências e redes pensantes do que é a Liberdade em sentido pleno.

Um projeto bem sucedido está em curso, não só em Portugal, mas em todo o mundo. Ironicamente, esse projeto também tem a ver com palavras: aquele de dar força aos slogans "Família", "Pátria" e "Propriedade". "Muito passado pela frente", diria Millôr Fernandes.

Enquanto poeta, louvo a força das palavras e sinto frustração e inveja de que eles, Aqueles, estejam nesse momento a não-viver a crise de linguagem e estética que nós, deste lado da trincheira, estamos vivendo. Eles estão inaugurando mundos e propostas com a força das palavras, nós não encontramos ainda a linguagem para agora.

É preciso que nós tenhamos a coragem de criar novos mundos com a linguagem. Mundos ainda não vividos, utopias. É precioso olhar os olhos do Outro e ver-se no reflexo. Só assim criaremos novamente uma linguagem que dê conta do real e possa transcendê-lo para além dos limites tacanhos impostos a nós.

↑ **Maria Giulia Pinheiro**
Associação Fala Orgânica

MULHERES EM GIL VICENTE

É proibido descodificar Gil Vicente? Ora, põe aqui o pé. NA NA NA! Eu vou para o Paraíso! Então, porque é que está mal disposta? Diga-me, pela sua vida! Deixe-me, que coisa. O meu marido foi para a Índia. Ai, agora que estás sozinha e solteira, que ordens é que me dás? Digo-te para te ires embora!... Quem é que está a atirar para a janela? Esconde-te aí na cozinha, que me estão a chamar ali. Que não se aguenta. Ai, Jesus, que chatice. E que raiva e que tormento. Todas vem e todas vão. Ou que dor de coração. Quero sair daqui. Não me canso de falar disso. Vê se te compões. Se te ajuízas. Fala pouco e não te rias. Não me provoques, senão eu expludo. Porque o homem ajuizado mantém a mulher submissa. Já te tranquei as janelas. Vais ficar aqui aprisionada. Nesta casa tão fechada. Como uma freira de Odivelas. A partir dos textos de Gil Vicente e inspirada pela sua dramaturgia, Margarida mergulha nos palcos das múltiplas mulheres do autor. Com os rebuliços de há cinco séculos, como o matrimónio, a maternidade, as crenças, as devoções e as mentiras, estas histórias são contadas para lábios que sorriem, não como entretenimento, mas como forma de resistência. Durante séculos, as tentativas de moldar a mulher nunca sobrestaram. A mulher foi maltratada, silenciada, magoada, abafada. A sua resiliência, inteligência e obstinação fizeram da mulher o mais bonito ser. Mas a luta pelo direito a ser mulher em pleno está, infelizmente, longe de ter sido vencida. Trazer as mulheres de Gil Vicente para a contemporaneidade é descodificar o sentido de se ser mulher. Todas as mulheres estão em Gil Vicente e Gil Vicente escreveu para todas elas. Por isso, torno a perguntar: É, mesmo, proibido descodificar Gil Vicente?

Assinado: Uma mulher que quer saber

↑ **Margarida Sá e Miguel Simões**

6

"ATÉ POR MIM MESMO JÁ ME FIZ PASSAR" UNIDADE E DIVERSIDADE NA OBRA PLÁSTICA DE ARLINDO FAGUNDES

Sob título *"Até por mim mesmo já me fiz passar" - Unidade e diversidade na obra plástica de Arlindo Fagundes*, esteve patente na Biblioteca de Alcântara - José Dias Coelho, de 15 de Maio a 14 de Junho, uma exposição da obra de Arlindo Fagundes (Ovar, 1945 - Braga, 2025). A exposição, na sua conceção, execução e montagem, deveu-se ao empenho de um grupo de amigos do Fagundes, num belo testemunho de amizade e de companheirismo, mesmo depois da sua morte.

Esta retrospetiva teve como núcleo duro a pintura, em acrílico e óleo e o desenho, espraiando-se depois a outras vertentes da produção do Fagundes, como: o artesanato em cerâmica, sobretudo bonecada; a ilustração de livros infantojuvenis com destaque para a coleção «Uma aventura» de Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada; a banda desenhada protagonizada por Pitanga, barbeiro de luxo a domicílio; a escultura com o busto de António Variações em Fiscal (Amares); e diversos cartoons e cartazes. Como sublinhado no catálogo da exposição, na variedade destas diferentes manifestações artísticas, há sempre um toque de humor, ironia e irreverência que eram imagem de marca de Arlindo Fagundes.

A sessão inaugural contou com a intervenção de ator António Durães que, sob o título, "o artista sem caixilho", proferiu um emocionado e sentido testemunho sobre a sua relação de amizade com o Fagundes. Já na sessão de encerramento, a obra de Fagundes, nomeadamente, a ilustração e a banda desenhada, esteve em debate, contando com a presença dos editores Maria José Pereira e Zeferino Coelho e de Marcos Farrajota da Bedeteca de Lisboa.

↗ Maria Augusta Lima Cruz

© Ana Gomes dos Santos

DO(S) DIA(S) DA REVOLUÇÃO ÀS PRIMEIRAS ELEIÇÕES LIVRES DE ABRIL DE 1974 A ABRIL DE 1975: AS PRIMEIRAS PÁGINAS

Exposição de reproduções de capas de jornais organizada pela Biblioteca de Alcântara - José Dias Coelho.

↗ Com o apoio da Companhia de Teatro de Almada Arquivo Ephemera, a Hemeroteca Municipal de Lisboa e o Videoteca Arquivo Municipal de Lisboa.

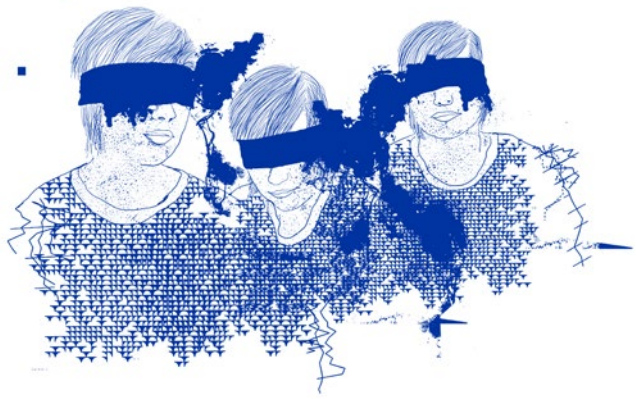
Birds are sexy

Aproxima-se a Primavera e com ela ouvem-se as aves, algumas raras que vêm de visita desde partes que nem imaginamos. O artista gráfico Travassos traz até perto de nós um conjunto de 30 ilustrações das suas aves mirabolantes, em que além da obra gráfica, reúne também um vídeo e uma peça áudio para uma loop tape de 6 minutos.

Travassos que nos foi fazendo habitar entre a sua surreal avifauna, seja nos cartazes do Festival Rescaldo, que desde 2022, no reafirmar do regresso numa nova fase – a das aves-raras, como ilustram os cartazes das edições desde então. Aves imaginárias, de crista levantada, em pousos proto-estáticos, prontas a levantar voo para outros espaços e dimensões. A mesma mão que responde ao imaginário em tantas e tão boas capas dos discos da Clean Feed, da Shhpuma – à qual responde também como curador e editor –, sendo que, mais recentemente, o seu traço vai também ficando espelhado no grafismo das edições da Osso, da Roda Music ou da berlinense Traumaton Records. Travassos que um certo dia fez reunir no livro-compêndio Life is a Simple Mess obras selecionadas, onde já habitam algumas aves, acompanhadas pelas palavras do trompetista Nate Wooley – um libelo de 64 páginas com disco acessório.

Para a presente exposição, faz o autor nas suas palavras o melhor dos assobios canoros para uma visita. "Quando os pássaros agiam como confidentes, sussurravam-nos com convicção que podemos apreciar o puramente simples e o extraordinariamente complexo, mas é absolutamente necessário viver, voar, ouvir e ver a maravilhosa combinação das suas combinações. É a aglutinação do subtil, profano, mundano, irracional e aprazível que representa a 'cola' da vida real através da qual nos mantemos unidos. É aí que aprendemos a ser Humanos."

↑ Ricardo Paredes In Rimas e Batidas



A PROMOTORA: UMA ASSOCIAÇÃO AO SERVIÇO DA COMUNIDADE 120 ANOS DA SOCIEDADE PROMOTORA DE EDUCAÇÃO POPULAR

Com explícitos propósitos educativos, sociais e políticos, dezoito indivíduos de Alcântara, defensores da República e dos seus valores subscreveram em 1904 um abaixo-assinado para a formação de uma sociedade que denominaram Sociedade Promotora de Educação Popular. O objetivo seria promover a educação e o conhecimento entre as classes trabalhadoras numa época em que Portugal refletia um cenário de pobreza e de grande desigualdade social. A sociedade organizava ainda atividades culturais e recreativas que contribuíam para a dinamização da vida comunitária local, beneficiando da proteção de figuras do republicanismo português, para a adoção e disseminação dos ideais republicanos e liberais, nomeadamente na educação. Esta corrente de pensamento percorreu o bairro de Alcântara com maior incidência nas duas primeiras décadas do século XX, e moldou a essência de muitas instituições de ensino, como foi o caso da Sociedade Promotora de Educação Popular. No ano em que se celebraram os 120 anos da Sociedade Promotora de Educação Popular (SPEP) o Arquivo Municipal de Lisboa associou-se à efeméride promovendo uma exposição que traça a história da SPEP, desde a sua fundação até à contemporaneidade, tendo por base o estudo do acervo documental desta entidade.

↑ Arquivo Municipal de Lisboa
(texto adaptado da Folha de Sala da exposição)

Programa Psicoeducacional e de Treino de Competências em Setting Ambulatório

Estamos continuamente a atravessar portas, sejam elas materiais ou imateriais.

Apesar da tão proclamada diminuição do estigma, a pessoa com doença mental confronta-se demasiadas vezes com 'portas fechadas' que diminuem o seu direito à equidade e acessibilidade aos recursos disponíveis na sociedade.

Esta parceria informal com a Biblioteca de Alcântara - José Dias Coelho, pretendeu abrir 'portas' a estas pessoas e permitir-lhes usufruir de um espaço que, de outra forma, talvez não viessem a conhecer.

Os participantes no *Programa Psicoeducacional e de Treino de Competências em Setting Ambulatório* (PPTC) do Hospital Egas Moniz sabem que também para eles está aberta a 'porta' da Biblioteca de Alcântara - José Dias Coelho. A forma como sempre são acolhidos, fá-los sentir bem-vindos e mais próximo do que a sociedade espera de cada um de nós.

Entrar por essa 'porta' todas as quartas-feiras, tem permitido aos participantes do grupo usufruir de um espaço físico onde a participação no PPTC os ajuda a aprender mais sobre si próprios, sobre a sua doença e sobre o que os rodeia, bem como a melhorar o seu funcionamento pessoal e social.

Tem sobretudo permitido ajudar a provar que o estigma relativo à doença mental já não faz sentido e que cada vez existem menos razões para mantermos fechadas as 'portas' à pessoa com doença mental.

↑ Isabel Ana dos Santos
Hospital Egas Moniz

Centro Doutor João dos Santos - Casa da Praia: Conversas sobre Saúde Mental Infantil e Educação

No ano de 2025, a propósito do seu aniversário, a Casa da Praia saiu de portas e abriu espaços de diálogo entre diversos técnicos de saúde mental e a comunidade. A Biblioteca de Alcântara - José Dias Coelho, que celebra 5 anos de existência, abriu as suas portas e acolheu generosamente a iniciativa. Com uma frequência mensal, as conversas tiveram início em janeiro e terminam em outubro de 2025. Este lugar de encontro, tem vindo a trazer ao diálogo professores, educadores, psicólogos, psicomotricistas, psiquiatras da infância e da adolescência, psicanalistas, assistentes sociais e a comunidade de Alcântara. O Doutor João dos Santos, Professor, Médico, Psiquiatra e Psicanalista, fundador da Casa da Praia, assumia que: "A educação e a saúde são tarefas de todos os cidadãos". Na Casa da Praia seguimos juntos com o seu pensamento e obra, celebramos 50 anos de existência e convidamos toda a comunidade a se juntar na Biblioteca de Alcântara - José Dias Coelho para celebrarmos mais 50 anos de apoio à Saúde Mental Infantil em Portugal!

↑ Joel Palma Santos
Casa da Praia

© João Barata

© gazzfilms

© gazzfilms

As diferentes vozes do cinema

© Gil Martins

Não importa a época ou a tecnologia, sempre procuramos formas de nos reunir, trocar ideias, nos emocionar... Os cineclubes sempre foram lugares de resistência, onde o cinema se solta das amarras do mercado e desafia tradições. Cada sessão é um momento de descoberta partilhada, onde surgem vozes diversas e cultiva-se uma relação íntima com a imagem.

Na Levante, acreditamos no curta-metragem como espaço privilegiado de liberdade, experimentação e risco. Temos três frentes de trabalho: o Levante Cineclube, com sessões temáticas; o Levante a Voz, sessões seguidas de debates com a equipe e o LSD, laboratório em que guiões são analisados coletivamente.

Acreditamos num cinema pulsante, de troca e que escuta os passos de quem veio de longe, os sussurros de quem tem a gritar. É saindo do próprio umbigo, acolhendo a pluralidade de vivências que a arte se fortalece. Dar espaço às diferentes vozes que fazem parte de um território é um ato de resistência cultural, no qual seguimos acreditando.

↑ Coletivo Levante Cultural

© gazzfilms

FESTIVAL TRANSATLÂNTICO

Uma artista amiga me levou à Biblioteca de Alcântara - José Dias Coelho e disse: “aqui dá para fazer algo”. Lá chegando encontrei um palacete lindo, reformado, com jardim encantador sob a Ponte 25 de Abril – e apresentou-me a uma equipa sensível e aberta com uma "escuta artística", que ouviu com atenção minhas ideias, até as mais grandiosas. Apresentei três projetos; dois avançaram. Um deles foi o Festival Transatlântico: cinco dias de encontros entre artistas brasileiros e portugueses, com poesia, música, teatro, performance, dança e conversas, justamente num momento em que a Europa se fecha à imigração.

Criámos um espaço de afeto e partilha. A equipa da biblioteca esteve presente o tempo todo, carinhosamente tornando o Festival Transatlântico possível com dedicação e alegria. Ganhámos visibilidade em toda a mídia portuguesa, tocámos o público e celebrámos a amizade entre os povos. Agora, queremos tornar o Festival Transatlântico permanente para crescer, resistir e ocupar de novo a Biblioteca de Alcântara - José Dias Coelho com arte.

↑ Igue Gazzola

© gazzfilms

10 HORIZONTES DA CIÊNCIA JÚNIOR

Com o programa educativo Horizontes da Ciência Júnior 24/25, quisemos aproximar os jovens das ciências ambientais e da natureza, estimular o questionamento e a criatividade via experiências práticas e interativas. Em janeiro e março, 10 sessões para 158 alunos do 2º e 3º ciclos, 5 bibliotecas da Rede BLX: Alcântara - José Dias Coelho; Belém; Casa do Jardim da Estrela - Um Teatro em Cada Bairro; Marvila e Penha de França.

Quisemos promover a relação entre escolas e bibliotecas locais, inspirar o seu uso pelos alunos, expandir o espaço de ensino e de cultivo pessoal além das paredes da escola.

Apoiadas pelas Bibliotecas, as escolas escolheram duas atividades da lista proposta.

Foi uma honra habitar as bibliotecas. O contacto com os estudantes nutriu a vontade de partilhar temas tão importantes para uma transição social e ecológica saudável.

Somos educadores do coletivo HortaFCUL, em colaboração com a Associação Margens Simples, acreditamos que a importância e seriedade de um assunto não impossibilita o seu ensino de uma forma prática e divertida, estimulando a colaboração e, em simultâneo, a autonomia dos alunos.

Agradecemos o convite das bibliotecas, a confiança por parte dos professores, e, principalmente, a energia e curiosidade vindas dos estudantes.

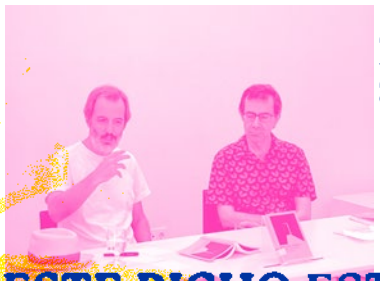
Que as bombas de sementes e as plantas-clones cresçam saudáveis, que os chefs criem maravilhas nas suas cozinhas!

Motivados pelos resultados, esperamos voltar a colaborar com a Rede de BLX num futuro próximo.

↗ Rebecca Mateus e Diogo Mendes

© João Barata

© João Barata



© Pedro Peres

ESTE BICHO ESTRANHO A QUE CHAMAMOS LITERATURA

Quando em março arrancámos com a primeira edição do Breve Curso de Literatura da Associação Palavrão, encheu-nos de alegria ter uma sala cheia à nossa espera, para discutirmos livros, escritores e literatura.

Quanto mais escrevemos e pensamos este bicho estranho a que chamamos literatura, mais nos parece que o momento decisivo para que «literatura» aconteça não será o tempo solitário em torno da página em branco, mas esse outro momento bem mais misterioso em que nos sentamos para ler: páginas escritas por nós, contos, romances, peças de teatro, pouco importa. Gostar de literatura é viver espantado por esse gesto peculiar de receber as palavras e deixá-las explodir devagarinho na nossa cabeça.

Talvez não haja melhor representação disso mesmo do que este nosso curso, onde pessoas tão diferentes permitem que palavras diferentes lhes ecoem cabeça adentro. E estamos muito felizes por isto estar a acontecer precisamente aqui, nesta biblioteca alcantarense que tão bem nos acolheu.

↑ João Pedro Vala

COMEMORAÇÕES DO DIA INTERNACIONAL DO LIVRO INFANTIL

O Laboratório do Livro Infantil (LabLI), da Rede BLX, assinalou o Dia Internacional do Livro Infantil com uma programação especial para famílias e com uma programação dirigida a mediadores de leitura, bibliotecários, professores, educadores e todos os interessados e apaixonados pelo livro para a infância.

A Biblioteca de Alcântara - José Dias Coelho abriu portas ao diálogo sobre leitura, livros e mediação. Conversámos com o escritor Alberto Manguel sobre a importância do livro para a infância, visionámos o documentário sobre a vida e obra de Jella Lepman e conversámos com Benita Prieto e Paula Cusati, membros do Observatório de Leitura de Pombal, sobre o trabalho que desenvolvem, nomeadamente, enquanto seção portuguesa do IBBY-International Board on Books for Young People.

Destacamos, ainda, a realização da exposição "Um breve olhar sobre os contos de fadas na coleção Memórias de Outras Infâncias" onde pudemos conhecer edições publicados entre 1955 e 1975.

Viva o livro para a infância!

↑ Mariana Abreu-Loureiro
Laboratório do Livro Infantil
Rede de Bibliotecas de Lisboa (BLX)

© João Barata

Ainda há tempo

Em março deste ano passei cerca de uma semana nesta Biblioteca, a escrever um monólogo sobre viagens no tempo e no espaço: Hotel Paradoxo. Nestes dias, procurei por alguns nomes familiares, e não me dececionei: na secção de Ficção Científica, 1º andar, estão Isaac Asimov, Philip K. Dick, William Gibson, H.G. Wells, Aldous Huxley. E Margaret Atwood, que escreveu em O conto da Aia:

"Vivíamos como de costume. Todo mundo vive, a maior parte do tempo. Vivíamos, como de costume, por ignorar. Ignorar não é a mesma coisa que ignorância, você tem de se esforçar para fazê-lo. Nada muda instantaneamente: numa banheira que se aquece gradualmente você seria fervida até a morte antes de se dar conta."

Contraditoriamente, esta imagem dá-me algum alento nestes dias de batalhas e massacres, de silêncios e esquecimentos. Penso que se a água está a aquecer gradualmente, ainda há tempo para sair deste banho de imersão fatal, para buscar um futuro alternativo. "Ainda há tempo": o mantra dos crononautas (mas somos todos viajantes do tempo, se vivermos o suficiente).

Talvez esta seja uma probabilidade remota diante da já comprovada competência humana para a autodestruição. Mas como bom leitor de ficção científica, acredito que probabilidades remotas não são de se desprezar.

↑ Alex Cassal

© João Barata

Levar beleza onde ela é urgente

Na Biblioteca de Alcântara - José Dias Coelho, onde os livros repousam em silêncio atento, a música passou a ter lugar cativo. Desde 2024, graças à parceria entre a Musicamera Produções e a Rede de Bibliotecas de Lisboa (BLX), os livros convivem com violinos, vozes e silêncios habitados. A música erudita, tantas vezes confinada a palcos distantes, faz-se aqui próxima, viva, disponível para todos. Salas cheias testemunham a força deste gesto: levar beleza onde ela é urgente. Esta programação regular, de entrada livre, apoiada pela Direção-Geral das Artes, é mais do que um ciclo de concertos. É um serviço público de cultura, feito de escuta, partilha e encontro. Ao som da música, abrem-se portas à emoção, à memória, ao espanto – e à construção de uma comunidade mais sensível, mais próxima, mais sua.

↑ Musicamera Produções

© João Barata

© João Barata

"OH, SE ME DISSESSEM POESIA." — Um recital para a Sofia

"É bom amigo, o tempo, que nos traz a velhice."
— Sara Teasdale (1884–1933)

Se se quiser dar ao tempo, tempo, faz-se, em cinco anos, um amigo.

É claro que a amizade não obedece a uma fórmula e que a aritmética das coisas vale pouco quando a soma é feita de afetos, gestos, promessas, demoras, ausências ou da definitiva perda. Ainda assim, tendo em conta que não há maior fortuna do que a da amizade, vale deixar a pergunta:

Que volume capitaliza, em média, uma vida de cinquenta anos?

A Sofia Saldanha talvez se divertisse a fazer essas contas, se o tempo tivesse sido generoso ao ponto de a deixar dedicar-se a este e outros disparates, se o tempo tivesse sido seu *bom amigo* por mais tempo. No dia do seu aniversário, aquele em que poderia dedicar-se à contagem das suas ilhas de afeto, o Arquipélago Sofia encheu-se de poesia.

Foram dois recitais a acontecer em simultâneo – em Braga, na Livraria Centésima Página (pelo Sindicato de Poesia, de que a Sofia foi parte integrante), e em Lisboa, na Biblioteca de Alcântara - José Dias Coelho. Mais de 30 vozes disseram (-lhe) mais de 50 poemas, revisitando poetas como Ruy Belo, Ana Luísa Amaral, Maria Teresa Horta, Fernando Pessoa ou Nuno Júdice.

Talvez a soma de tudo isto responda àquela pergunta ali em cima: o volume da amizade mede-se com poesia, com a firme certeza de que ninguém sabe que coisa mede a poesia, seguido de um profundo alívio por isso não interessar mesmo nada. A beleza da amizade e da poesia reside justamente no facto de não caberem em fórmulas, na liberdade de permanecerem abertas, indeterminadas – e por isso, inesgotáveis.

Os recitais que, no passado dia 20 de fevereiro, celebraram Sofia Saldanha foram também uma celebração do alcance das coisas incontáveis, inclassificáveis e livres. Esse dia nasce do mesmo chão que edifica bibliotecas – casas de silêncio fértil e escuta generosa – uma terra que nenhum terramoto, incêndio ou mesmo a presente hecatombe política mundial pode verdadeiramente destruir.

Perante essas ameaças – tão reais – é essencial lembrar o desejo quase sussurrado, que alguém imaginou ser um pedido da Sofia – uma súplica que nos convoca a agir, a cuidar, a resistir:

"Oh, se me dissessem poesia."

↑ Eugénia Brito

A MARAVILHOSA Biblioteca de Alcântara - José Dias Coelho

Durante alguns meses, aos sábados de manhã, o nosso destino foi a Biblioteca de Alcântara - José Dias Coelho. A maravilhosa Biblioteca de Alcântara - José Dias Coelho - direi mesmo - um espaço que nos recebeu sempre de portas, braços e corações abertos.

Imaginemos - por pura brincadeira - uma peça de teatro.

BIBLIOTECA - MUITOS PALCOS ou como a Biblioteca de Alcântara- José Dias Coelho nos ajudou a montar um espetáculo

CENA 1 - A CHEGADA

(à porta da biblioteca, está uma segurança à nossa espera)

Teresa: Bom dia!
Aminata: Bom dia! Já têm sala marcada. Hoje é a do lado direito.
Sofia: É aquela com portas para o pátio?
Aminata: Sim, sim.
Sofia: (para os outros) Perfeita para ensaiar. (para a Segurança) Obrigada!
Aminata: De nada.

CENA 2 - O ENSAIO

Vasco: (a olhar à volta) Precisamos de 3 mesas para ensaiar.... vou perguntar se é possível arranjar. (dirige-se à receção) Bom dia, desculpe, será possível arranjar 3 mesas?
Gil: Bom dia, com certeza que sim, vou já buscar! E se precisarem de mais cadeiras, avisem.
Vasco: Obrigado! Nós vamos buscar as mesas consigo.
Gil: Deixe estar, nós tratamos disso.

CENA 3 - ADEREÇOS

Sara: Desculpe, será que podemos deixar aqui os nossos adereços guardados?
Pedro: Deixem-me ver onde os podemos guardar!
Diniz: Obrigada, não é muita coisa.
Pedro: Venham comigo. (avançam pelo corredor) Pode ser aqui nesta sala de arrumação?
Diana: Perfeito. Obrigada.
Pedro: Ok, vou avisar os seguranças, depois só têm de pedir para um segurança vos abrir a porta.

CENA 4 - O ESPETÁCULO

(Aires e Teresa, dirigindo-se à receção)

Aires: Bom dia, estivemos agora a ensaiar na zona da biblioteca para crianças e... será que podemos apresentar ali o espetáculo?

© Teresa Sobral

Mafalda: Poder podem, depende do dia em que querem apresentar, por causa da ocupação da sala.
Teresa: Podemos ver isso em conjunto. Quando poderá ser para vocês?
Mafalda: Vamos ver, então.

E fizemos a apresentação no Espaço para Crianças.

Poderíamos continuar, mas este texto ficaria monótono; nada dramático, sem picos de ação, nem conflito - situações que enriquecem os textos de teatro - porque não há conflito na Biblioteca de Alcântara - José Dias Coelho.

Reina a paz e a harmonia.

A Biblioteca de Alcântara - José Dias Coelho, para nós, foi mais do que um espaço de ensaio. Foi ali que encontrámos apoio, boa disposição e uma energia contagiante. Está sempre a acontecer alguma coisa, houve dias em que para além de nós, havia uma sessão de poesia numa sala, ensaios de um coro, ensaios de dança, atividades para crianças, espetáculos de pequeno formato. A cultura e a arte convivem naquele espaço diariamente.

Tudo ali é feito com cuidado, carinho e respeito.

↑ Teresa Sobral

©Teresa Sobral